
AS IGREJAS ORTODOXAS NO BRASIL

The Orthodox Churches in Brazil

Paulo Augusto Tamanini¹

1 Autocompreensão: quem são os ortodoxos e onde estão?

Discorrer sobre a atuação pastoral e presença das Igrejas Ortodoxas no Brasil é um desafio, dado que cada Eparquia, ainda que em comunhão, se organiza de modo autônomo. Como todo o continente Americano é considerado território canônico do Patriarcado Ecumênico, a atuação pastoral dos demais Patriarcados em solo brasileiro, é explicado e se baseia no atendimento exclusivo às comunidades de diáspora. Assim, o trabalho missionário em solo brasileiro caberia em primeiro lugar à Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires e América do Sul, cuja sede está na capital da Argentina. Contudo, observa-se que o acolhimento de fiéis brasileiros à ortodoxia também se dá pela atuação de clérigos da Arquidiocese Ucraniana, Antioquina, Russa, Polonesa e Sérvia. Se esta realidade, para alguns é vista como uma intromissão, para outros, é considerada o cumprimento do mandado do Senhor de ir e Evangelizar.

Enquanto a Eparquia Ucraniana (Patriarcado Ecumênico), a Arquidiocese Antioquina (Patriarcado de Antioquia), a Arquidiocese Polonesa (Patriarcado da Polônia) têm seus Bispos residentes no Brasil, o Exarcado Patriarcal e Arquidiocese Grega (Patriarcado Ecumênico), assim como as Arquidioceses da Rússia (Patriarcado de Moscou) e da Sérvia (Patriarcado da Sérvia), têm suas sedes arquiocesanas fixadas em

¹ Doutorando em História Cultural (UFSC). Mestre em História do Tempo Presente (UDESC). Especialização em História do Brasil (UFSC). Especialização Teologia Oriental (LSM-Grécia). Graduação em Filosofia (FEB). Sacerdote da Arquidiocese Ortodoxa Grega de Buenos Aires e América do Sul (Patriarcado Ecumênico de Constantinopla); Reitor Paroquial da Igreja Ortodoxa Grega, em Florianópolis/SC. E-mail: pe.paulo@terra.com.br

Buenos Aires, na Argentina. O que, por vezes, dificulta um trabalho mais próximo e recorrente dos Bispos junto ao seus sacerdotes.

O Sul e o Sudeste do Brasil são as regiões contempladas com o maior número de Paróquias e padres ortodoxos. O número de sacerdotes incardinados nas dioceses ortodoxas não chega a cem, dos quais a maioria é casado; o clero celibatário e monástico é reduzido. Do número total de clérigos, os de nacionalidade brasileira tem predominância, se subdividindo em duas categorias: 1) brasileiros de descendência étnica dos imigrantes da diáspora; 2) brasileiros sem nenhum vínculo étnico em relação à Eparquia nas quais estão incardinados. Por isso é comum que os primeiros preocupam-se em manter as tradições culturais étnicas e religiosas, enquanto os demais estão mais propensos a uma abertura pastoral de inclusão.

De toda forma, brasileiros ou estrangeiros, os estudos e a formação dos presbíteros são dadas no exterior, nos países que sedeiam seus respectivos Patriarcados ou Sedes Metropolitanas que oferecem Graduação e Pós-Graduação em Teologia Ortodoxa: Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Líbano, Grécia, Ucrânia, Rússia, Polônia, Sérvia etc.

2 Desafios: a superação de uma Igreja étnica em solo brasileiro

Se o trabalho da maioria dos sacerdotes ortodoxos que chegou ao Brasil, sobretudo após as duas Grandes Guerras, se reduzia em atender as famílias da diáspora, que aqui chegaram fugindo das atrocidades, violência, fome e perseguição, reflexo imediato dos conflitos bélicos, atualmente a atuação pastoral desses padres apresenta desafios maiores.

Como os casamentos entre os descendentes não permaneceram endogâmicos, a repercussão dos matrimônios mistos entre famílias de diferentes laços étnicos e crenças religiosas também atingiu o modo de manifestar a fé cristã de vertente ortodoxa. Observou-se que a preocupação por se manter as tradições entre os filhos e netos estava não só na agenda dos párocos das comunidades ortodoxas, como na dos pais e mães que sentiam escorregar de suas mãos o controle e a permanência de seus filhos nas igrejas ortodoxas.

As diferentes Igrejas Ortodoxas para além do patrimônio litúrgico comum traziam e exercitavam em seus respectivos templos, a prática da língua de sua etnia e que facilmente era confundida qual marca exclusiva de pertencimento. Logo, nas paróquias ortodoxas do Patriarcado Ecumênico, o grego, para além de ser a língua oficial das

celebrações litúrgicas era o idioma que as identificavam. Da mesma forma, o velho eslavo, refletia a pertença à Igreja do Patriarcado de Moscou tanto quanto era a demonstração do pertencimento étnico russo. O mesmo, acontecia com o idioma árabe nas paróquias antioquinas e o ucraniano nas paróquias da respectiva etnia. Com o aumento da família desvinculada de um compromisso forte com casamentos exclusivos com os descendentes, a religiosidade e as práticas devocionais cristãs ortodoxas como expressão de um pertencimento étnico único ficavam, por vezes, em segundo plano. Diante do desafio pastoral de se manter as tradições, malgrado a língua que se usasse, as orações, cantos, preces e pequenos ofícios litúrgicos, ou pelo menos parte deles, começavam a ser celebrados em português.

O uso frequente do idioma nacional em solo brasileiro demonstrava que as Igrejas Ortodoxas começavam a olhar para fora, deixando que a exclusividade em se atender as ovelhas de um rebanho específico, fosse substituída pela inclusão. Mas nem todas as ovelhas do redil aceitaram as que chegavam. Contudo, a resistência por parte de alguns ortodoxos em receber novos fiéis (e dentre esses os que não tivessem nenhum laço étnico) por vezes suava um paradoxo à catolicidade e missionaridade pelas quais toda Igreja de Cristo é fortemente caracterizada. Compreende-se, porém nesta recusa, um apego aos modos de pertencer a uma igreja que obedecia à uma lógica de identificação étnica. Seria parcial demais, contudo, aludir à abertura aos novos fiéis a causa única de abdicação de práticas culturais e religiosas com forte acento étnico, uma vez que, parte dos descendentes foram os primeiros a abandonar uma religiosidade apegada demais às tradições culturais, em sua própria casa. Logo, no acolhimento aos novos, não só paira uma possível, imediata e promissora solução, como também se deixa registrado que a natureza da Igreja, independentemente de seu laço étnico, é universal, por isso, acolhedora, abrangente, inclusiva.

Com o esmorecimento da prática o idioma étnico e com a inclusão de fiéis brasileiros à grei de comunidades ortodoxas, os sacerdotes que estavam a frente das paróquias se deparavam com uma outra dificuldade: a tradução dos textos litúrgicos para a língua portuguesa. Por não haver um modelo, o número de traduções dos textos litúrgicos surgiu tanto quanto eram as paróquias ou Eparquias. Em decorrência disso, as diversas versões da Divina Liturgia de São João Crisóstomo e dos muitos Ofícios, sem uma adequada revisão, facilitavam o aparecimento e a divulgação de erros, acréscimos, obliterações. Se em cada Eparquia há certa dificuldade em padronizar os textos, continua

sendo praticamente mais desafiador lograr que se chegue a um acordo acerca de um texto padrão para as celebrações em todas as jurisdições.

A constante adesão de fieis brasileiros às comunidades ortodoxas faz questionar uma tênue confusão acerca do que seja, independentemente de ser grego, ucraniano, russo, polonês ou árabe, a identidade do cristão ortodoxo. Na África, por exemplo, inúmeras comunidades, sem vínculo étnico europeu, nascem e aderem à fé ortodoxa, e fazem uso de seu próprio idioma e melodias nas celebrações litúrgicas. O mesmo acontece nos Estados Unidos da América. Para que as Igrejas Ortodoxas lá se expandissem, o uso do idioma inglês tornou-se corriqueiro nas liturgias. Observa-se nisso o quanto as Igrejas Ortodoxas presentes no Brasil poderiam se enriquecer com a enculturação; e que o medo de possíveis descaracterizações, é mito. Por causa da natureza e catolicidade da Igreja Ortodoxa, o pertencimento e vínculo a uma Paróquia ortodoxa deveriam acontecer sem a necessidade da existência de laços étnicos, uma vez que a Igreja de Jesus Cristo é inclusiva e não seletiva!

Um forte acento da Igreja Ortodoxa é sua prática litúrgica e espiritualidade monástica. Contudo, para que a liturgia seja celebrada aqui no país com os devidos objetos (cálices, alfaías, turíbulo, cruz, etc) e paramentos sacerdotais e episcopais se recorre à importação, uma vez que no Brasil não há quem os produza ou confeccione. Os recantos de oração, próprios dos monastérios, se faz ausente em nosso País, com exceção das Eparquias Ortodoxas da Servia e da Polônia que têm seus monges e monjas vivendo em seus claustros ou em pequenas comunidades cenobíticas. A Eparquia Ortodoxa Ucraniana (Patriarcado Ecumênico) tem seu monastério masculino estabelecido no Paraguai. Com isso, os templos para além de lugares da celebração da Divina Liturgia são por excelência os espaços do exercício do sagrado, da contemplação e veneração dos santos ícones e das relíquias de santos. Lá os fieis acendem suas velas, fazem suas orações, oferecem os pães, o vinho, o azeite e o trigo e contemplam a beleza da arte religiosa exposta.

3 Perspectivas: comunhão e colaboração para o bem da Igreja

As dificuldades expostas acima, longe de provocar sentimentos de desencanto com o futuro e imediato desânimo, mostram-se em desafios a serem vencidos em conjunto, em comunhão. E, talvez, o método para a superação dos problemas repousa na mútua colaboração entre as Eparquias Ortodoxas, alimentadas pelo revigoramento da

cooperação recíproca. Quanto mais unido for um corpo, mais facilmente se vencem as moléstias. A comunhão entre as Igrejas, desde os primeiros séculos, visibilizava-se e materializava-se desde a reciprocidade das decisões tomadas em pequenas assembleias até a celebração de ritos feita em conjunto. Para tanto, antes das resoluções, o Espírito Santo, o Paráclito, Doador da Vida, a alma da Igreja de Jesus Cristo era evocado. A oração e os momentos de espiritualidade em comum espelham que a Igreja é governada pelo Espírito Santo e que seus hierarcas são apenas frágeis instrumentos nas mãos de Deus. Porque se desejava que a Igreja crescesse, os Bispos deixavam-se invadir pela suave inspiração de Deus, resultante de uma experiência pessoal e profunda com o Santificador, mas que se desdobrava em uma sinodalidade de partilha da graça, em conjunto.

Imbuídas pelo desejo de crescimento da fé em Jesus Cristo e de sua Igreja, motivadas por um amor profundo a Deus que se deixa experimentar pela oração, por decisão da IV Conferência Pré-conciliar Pan-ortodoxa (realizada no Centro Ortodoxo do Patriarcado Ecumênico em Chambésy, Suíça, entre 6 e 12 junho de 2009), as Igrejas Ortodoxas presentes na América do Sul instituíram a “Assembleia dos Bispos Ortodoxos Canônicos”, em 2010. Presidida por S. Exma Revma Dom Athenagoras, Arcebispo e Metropolita Grego Ortodoxo do México, Venezuela, América Central e Caribe, a Assembleia aconteceu em 2010 na cidade São Paulo/Brasil; em 2011 na cidade Buenos Aires/Argentina; em 2012 na cidade de Caracas/Venezuela). Está prevista a realização da IV Assembleia na sede da Eparquia Ortodoxa Ucraniana, em novembro de 2013, na cidade de Curitiba-PR (Brasil).

Por três vezes os bispos ortodoxos latino-americanos experimentaram a colegialidade a nível regional, procurando resolver as questões mais urgentes: formação dos presbíteros, em terras latino-americanas; padronização das traduções dos ritos para o idioma local e o crescimento da consciência de pertença à Igreja Ortodoxa sem a condição de uma anterior pertença étnica grega, russa, ucraniana, polonesa etc.

Contudo, é preciso particularizar mais e sentir quais os desafios e perspectivas eclesiais em nosso País. Como igreja latino-americana, a ortodoxia se organiza em Assembleias para avaliar e tratar de questões mais gerais. Mas, olhando para a realidade brasileira, observando a realidade eclesial de cada comunidade e paróquia ortodoxa, como experimentar aquele ardor missionário e viver o Evangelho lá onde se está? Se os bispos vivem a colegialidade a nível regional, nós, os padres com as comissões paroquiais, as diretorias, as irmandades femininas e masculinas, os grupos de jovens e de crianças podemos e precisamos experimentar a tomar decisões em conjunto e em comunhão,

olhando para o presente, deixando que as urgências do nosso tempo tomem a dianteira. A Igreja não vive só das tradições culturais, ela se renova no tempo e no lugar de atuação, porque guiada pelo Espírito Santo. Para tanto é preciso também rezar e confiar na ação do Paráclito, na inspiração do Deus da Vida que em tudo age e faz novas todas as coisas.

Alentados pela ação de Deus, aprendamos com as discordâncias, crescamos com as diversas opiniões e saibamos ler os sinais dos tempos e ouvir Deus pela boca dos pequenos e dos que estão fora do redil. É na realidade concreta da comunidade e das capelas em que os fieis vivem que se testa nossa fé cristã e que avaliamos o quanto estamos sendo fieis ao chamado que Deus nos faz. Sendo a Igreja inclusiva, abracemos a todos, sem distinções, sem rótulos, sem crachás, na língua e idioma do nosso lugar, para que glorifiquemos e louvemos a Deus com a alma e vida, e, não apenas, através de meras lembranças ou por amor à memória daquilo que os antepassados viveram. Se a fé é resultante de uma experiência pessoal, cada fiel ortodoxo, em sua comunidade, em sua casa, no seu lugar de trabalho e estudos reflete uma realidade sua, pessoal, individual com Deus. A fé dos avós e dos pais foram experiências deles. Elas podem motivar, mas nunca substituir uma adesão à fé professada e recebida pelo Batismo. É preciso então que busquemos a nossa, no nosso tempo, no contexto exigente de cada dia, em que possamos viver a ortodoxia da fé na catolicidade de uma só Igreja de Jesus Cristo.